

ARGUMENTAÇÃO E RETÓRICA COMO FERRAMENTAS INTELLECTUAIS E SEU LUGAR NO ENSINO

Vitor Ricardo Duarte¹

Recomeços

No início dos anos 60, houve uma retomada dos interesses e estudos acerca da retórica. Essa renascença teve como principais motivadores Charles Perelman e L. Olbrechts-Tyteca, defensores da retórica como técnica argumentativa. Outro grupo de teóricos entende a retórica como uma questão de estilo. Aqui, abordaremos a retórica como uma ferramenta intelectual a favor da argumentação, seguindo a tese proposta por Perelman e Tyteca.

A retórica, segundo a definição proposta por Reboul, “é a arte de persuadir pelo discurso” (Reboul, 2004, p.XIV). É interessante atentarmos para a definição de arte, relacionada ao sentido presente no termo grego *tékhnē*, que traz em seu bojo um dimensionamento técnico do fazer. No entanto, a retórica possui suas limitações, não podendo ser aplicada a todo e qualquer texto ou discurso. Conforme Reboul:

a retórica não é aplicável a todos os discursos, mas somente àqueles que visam persuadir, o que de qualquer modo representa um belo leque de possibilidades! Enumeremos as principais: pleito advocatício, alocução política, sermão, folheto, cartaz de publicidade, panfleto, fábula, petição, ensaio, tratado de filosofia, de teologia ou de ciências humanas. Acrescente-se a isso o drama e o romance, desde que “de tese”, e o poema satírico ou laudatório. (p.XIV)

Assim, podemos dizer que determinados gêneros textuais ou discursivos são mais propensos a veicularem mensagens persuasivas. São formatos que, devido a suas estruturas gramaticais e sintáticas, permitem ao autor construir uma trama persuasiva. Logo, a persuasão é objetivo último da retórica. “Portanto, a retórica diz respeito ao discurso persuasivo, ou ao que um discurso tem de persuasivo” (Reboul, 2004 p.XV). Mas, afinal, o que é persuadir? Concordamos com Reboul quando ele afirma que persuadir “é levar alguém a crer em alguma coisa” (p.XV). No entanto, a força persuasiva tem seus limites, ou pelo menos, deveria ter. Seus resultados deveriam ocorrer nas instâncias conceituais, na dimensão onde as visões de mundo são construídas e armazenadas. Para Reboul está claramente demarcada tal diferença quando afirma que a “persuasão retórica consiste em levar a crer (1), sem redundar necessariamente no levar a fazer (2). Se, ao contrário, ela leva a fazer sem levar a crer, não é retórica” (p.XV).

Um discurso vem a ser persuasivo, na tentativa de aliciar seu interlocutor, a partir da articulação de meios de ordem racional ou de ordem afetiva. Alguns textos, ou discursos orais, podem tender mais para um lado ou outro, mostrando maior ênfase na emotividade provocada em seu auditório; outros poderão ter um enfoque ainda mais racional pela utilização de argumentos. No entanto, a retórica buscará um equilíbrio

¹ Mestrando em Letras - UNISC (Universidade de Santa Cruz do Sul); bolsista PROSUP/CAPES.
E-mail: vrduarte@gmail.com

entre esses dois elementos, sem eliminar um ou outro “pois em retórica razão e sentimentos são inseparáveis” (Reboul, 2004, p.XVII).

Os discursos permeados de afetividade são conduzidos predominantemente por dois elementos, o *ethos* e o *pathos*, terminologia de origem clássica da cultura grega. Segundo Reboul (2004), o *ethos* refere-se ao caráter do orador e personalidade necessária para adquirir a confiança de seu auditório. O *pathos* refere-se às emoções do auditório, das quais o orador poderá tirar partido. *Ethos* e *pathos* podem fazer parte tanto de textos orais ou escritos, com maior ou menor intensidade, a partir da articulação de mecanismos específicos de cada discurso e das intenções relacionadas ao auditório.

Ao nos referirmos ao orador, o entendemos aqui como emissor de um discurso, de um texto, de um ato comunicativo intencionalmente direcionado a alguém. Embora esse termo remeta diretamente ao discurso oral, como por exemplo, o discurso de um político; seu uso no contexto da retórica contemporânea refere-se ao emissor da cadeia comunicativa, podendo a mensagem ser veiculada por meios diferentes da fala ou pelo uso de diversos gêneros textuais. O auditório, por outro lado, estaria no outro extremo dessa cadeia, sendo aquele a quem a mensagem é dirigida. Embora a mensagem, como vimos, possa ser oral ou escrita, por questões didáticas e pela proposta de análise deste artigo, acertaremos que, a partir desse ponto, sempre estaremos nos referindo ao texto escrito. Assim, orador será o autor do texto e o auditório significará o leitor.

Os textos com cunho menos emotivos são dominados pelo uso de argumentos e genericamente o denominamos textos argumentativos. Há dois tipos de argumentos: os entinemas e os argumentos pelo exemplo, os quais fazem parte do raciocínio silogístico. Os exemplos vão do particular ao geral caracterizando pelo que denominamos indução. Reboul pontua que “o exemplo é realmente demonstrativo quando se pode mostrar que os casos são em número limitado, e que a regra se aplica a todos” (p.154). Em outras palavras, é procedimento de validação dos experimentos científicos. Os entinemas fazem o caminho oposto, indo do geral ao particular, sendo assim, uma dedução. Os entinemas são raciocínios que se relacionam com o verossímil, com o devir, com aquilo que pode vir a ser, diferindo assim do raciocínio demonstrativo. “As premissas do entinema não são proposições evidentes, mas nem por isso são arbitrarias; elas são *endoxa*, proposições geralmente admitidas, portanto verossímeis (Reboul, 2004, p.155).

Discurso retórico e argumentatividade

Reboul afirma que “o persuasivo do discurso comporta dois aspectos: um a que chamaremos de “argumentativo”; e outro, de “oratório” (p.XVIII). O aspecto argumentativo, como já mencionamos, é permeado pelo uso dos entinemas e argumentos pelo exemplo. São elementos que o constituem e são, predominantemente, a base de uma grande variedade de gêneros textuais. A produção acadêmica de artigos, teses, dissertações, relatórios e trabalhos escolares – entre outras variedades textuais – pauta-se pela elaboração de textos de base argumentativa.

Torna-se crucial contrapormos o conceito de argumentação àquilo que Aristóteles já denominava como demonstração. Para ele, e ainda hoje, a demonstração é uma outra modalidade ou instrumento intelectual para a organização e explanação do pensamento. A demonstração busca, por algum meio, comprovar algo utilizando, muitas vezes, toda uma codificação muito específica, diferente da argumentação que sempre é calcada na linguagem natural. A demonstração tenta, em última instância, afirmar algo com precisão. Assim coloca o autor:

Na demonstração é grande o interesse de se utilizar uma língua artificial, por exemplo a da álgebra ou da química. A argumentação desenrola-se sempre em língua natural (exemplo, francês), o que significa utilizar com grande frequência termos polissêmicos e com fortes conotações, como “democracia”, que está longe de ter o mesmo sentido e o mesmo valor para todos os oradores. Além disso, a sintaxe pode ser fonte de ambigüidade. (Reboul, 2004, p.94)

Ao contrário da demonstração, que busca estabelecer o certo, a argumentação articula-se nos espaços onde a dúvida se faz presente, onde a verdade é relativizada, onde conceitos não podem ser definidos com exatidão. Assim, a verossimilhança chama a retórica para que o diálogo se estabeleça. Reboul, muito sabiamente, descreve o espaço no qual a retórica e argumentação são articuladas, assim colocando:

Convenhamos, porém, que vivemos num mundo que não condiz inteiramente com o conhecimento científico, um mundo em que a verdade raramente é evidente, e a previsão segura raramente possível. [...] Esse mundo de que estamos falando é o da vida; quase não comporta certezas científicas, dessas que possibilitam previsões seguras e decisões irrepreensíveis. Mas tampouco está entregue ao acaso, ao aleatório, ao caos. Não se pode prever com total certeza, mas é possível prever com mais ou menos certeza, com alguma probabilidade. Não se pode dizer: “é verdadeiro” ou “é falso”, mas se pode dizer: “é mais ou menos verossímil. (Reboul, 2004, p. XX)

Embora já manifestado anteriormente, convém ressaltar a importância do outro, do interlocutor no processo retórico. O pressuposto primeiro é que sempre se argumenta diante de alguém, seja uma pessoa, um leitor, um salão lotado de estudantes. Cada auditório apresenta suas diferenças e em função delas os discursos são articulados. E também por essas diferenças, textos e discursos são compreendidos por maneiras as mais diversas. Assim, o que parece verdadeiro para um grupo ou leitor, não o é para o outro. O que é claro para um segmento, é obscuro para o outro. Aí, nesses hiatos onde as coisas apenas podem ser ou não, onde as verossimilhanças apresentam-se, entra a retórica e os argumentos para tentarem construir um outro lugar que não é aquele da verdade absoluta, onde a demonstração não é possível, onde a infalibilidade permanece. “A retórica só é exercida em situações de incerteza e conflito, em que a verdade não é dada e talvez jamais seja alcançada senão sob a forma de verossimilhança” (Reboul, 2004, p.39).

No entanto, através dos mecanismos da retórica, coloca-se em jogo questões cruciais que se referem ao “destino judiciário, político ou ético dos homens”. Liberdades são garantidas ou tolhidas quando um advogado, em juízo, através de seu discurso defende um réu; apostamos no desenvolvimento social de nossas cidades a partir da interpretação que fazemos dos discursos construídos pelos políticos, pela forma que fomos por ele convencidos; meios de comunicação tentam-nos, a todo o tempo, para que mudemos de atitude, conforme seus interesses; outras tantas ações que poderiam ser aqui listadas, na qual a retórica está presente. Reboul, nesse mesmo excerto, afirma que “na retórica, é preciso levar a sério o 'na aparência', como verossímil que faz as vezes de uma evidência sempre inapreensível.” (Reboul, 2004, p.40). Segundo ele, a retórica seria um instrumento de ação social, pelas importantes ações que

determina ou provoca. Mais ainda, afirma ele que “de fato, não se delibera sobre o que é evidente nem sobre o que é impossível; delibera-se sobre fatos incertos, mas que podem realizar-se, e realizar-se em parte através de nós” (Reboul, 2004, p.37).

Engrenagens da argumentação

A argumentação possui características diferenciadas da demonstração, como já constatado. Reboul, referenciando o Tratado de Argumentação de Perelman-Tyteca, diz que a argumentação distingue-se da demonstração por cinco características essenciais: (1) sempre se dirige a um auditório (leitor, no nosso caso); (2) é apresentada na linguagem natural (língua portuguesa, língua inglesa, língua francesa, etc.); (3) é composta por premissas versossímeis; (4) sua progressão depende de um orador (autor, no nosso caso); (5) suas conclusões poderão ser sempre contestadas (Reboul, 2004, p.92).

Pelo fato de suas premissas apresentarem determinada abertura, estarem calcadas pelo eixo da dúvida, por serem presunções, é que os argumentos tornam-se necessários. “As presunções têm função capital, pois constituem o que chamamos de “verossímil”, ou seja, o que todos admitem até prova em contrário” (Reboul, 2004, p.165). Nesse mesmo parágrafo ele complementa seu entendimento sobre a verossimilhança e a presunção afirmando que “[...] o verossímil é a confiança presumida.” Também pontua a sua relatividade ao afirmar que “[...] a presunção varia segundo os auditórios e as ideologias” (p.165).

À medida que o texto é desenvolvido o autor vai criando e utilizando diferentes argumentos que se intercomplementam na tentativa de levar seu leitor a concluir de forma semelhante ao autor sobre o assunto arguido. No entanto, convém deixar muito claro que a argumentação genuína sempre permitirá espaço para sua contestação, para que o auditório posicione-se, seja concordando, discordando ou mesmo, no embate, agregando novas visões e até mesmo as reformulando. Essa abertura do discurso dá-se por este ser constituído de presunções que, segundo Reboul, são o que denominamos verossímil. Aí está a essência da retórica. “Pode-se afirmar excluindo qualquer objeção – para começar em si mesma –, mas também se pode propor sem impor, favorecer ao máximo a própria afirmação, deixando-a aberta às críticas alheias. Essa abertura constitui a honestidade da argumentação” (Reboul, 2004, p.102).

A argumentação possui muitos mecanismos que a articulam. Aqui apontaremos alguns deles que podem auxiliar o leitor no processo de entendimento do texto, entendendo como o autor se posiciona e, em última análise, o que espera desse leitor. Leitores melhores preparados, com conhecimento das técnicas argumentativas e retóricas, teriam condições de realizar leituras mais críticas de textos, reconhecendo artimanhas – legítimas ou não – utilizadas para fisgá-lo, manuseá-lo ou mesmo contribuir para que mude positivamente algum posicionamento seu.

Uma das maneiras de argumentar seria pela utilização de fatos como forma de ilustração ou exemplificação. “Um acordo repousa primeiramente sobre fatos, e fatos já são argumentos” (Reboul, 2004, p.164). Seria interessante entendermos por que o fato pode ser visto como um recurso argumentativo. Reboul esclarece que isso se dá por ser “uma verificação que todos podem fazer, que se impõe ao auditório universal, que parece ser o caso de nosso ‘fato estatístico’” (Reboul, 2004, p.164). Basta lembrarmos como jornalistas utilizam fatos do cotidiano, como exemplos, em seus textos, levando-nos a perceber que aquilo narrado de fato aconteceu e que deve ser creditado. É preciso

um olhar atento ao uso de fatos na argumentação. Como recurso argumentativo, fatos também podem (e devem) ser contestados, tornando assim legítimo o processo de argumentação, como já visto.

Além dos fatos, os quais são recursos argumentativos dos mais facilmente percebíveis e identificáveis na estrutura textual, há outros que são menos aparentes. Reboul indica que isso é feito pela utilização dos “lugares do preferível”, os quais permitem justificar as escolhas recorrendo a valores abstratos. “Esses lugares expressam um consenso generalíssimo sobre o meio de estabelecer o valor de uma coisa” (Reboul, 2004, p.166). Ele aponta três variações dos lugares do preferível. *Os lugares da quantidade* seriam aqueles que fazem uma quantificação generalizada como “todos utilizam o sabonete Y”, “é o que todos fazem”, “é o bem mais durável”. *Os lugares da qualidade* movimentam-se em direção contrária, mostrando a unicidade daquilo ao colocar clichês como “é o único que faz isso”, “mais ninguém é capaz”, o único/raro torna-se, assim, o preferível. *Os lugares da unidade*, para o autor, sintetizariam os dois anteriores, o que é único torna-se simultaneamente superior.

O suporte e o gênero utilizados para a veiculação da mensagem também interferem no significado, corroboram a argumentação. Por exemplo, um artigo jornalístico veiculado no jornal local terá um resultado diferente se o mesmo conteúdo fosse estruturado como um ofício direcionado ao prefeito de uma cidade. Conhecer elementos dos gêneros textuais e a forma como a cultura faz uso deles é atividade extremamente relevante no entendimento de textos argumentativos. “É que o gênero enseja não só injunções de estilo, extensão e vocabulário, mas também injunções ideológicas. O gênero circunscreve o pensamento” (Reboul, 2004, p.143-144). O gênero seria também outra ferramenta intelectual que se associa à retórica/argumentação na produção de sentido.

Ficar atento aos marcadores discursivos – mas, se, em vez disso, pois, logo, portanto, por outro lado etc. – durante a leitura do texto, pois estes elementos anunciam a inclusão de um argumento. Após tais termos, muitas vezes segue-se um entinema ou um argumento pelo exemplo. Assim, avalia-se a qualidade do argumento, validade e idoneidade dos mesmos. A lista de recursos e possibilidades argumentativas disponíveis num texto é longa e seria exaustiva incluí-la aqui neste sucinto artigo. Porém não deveria estar ausente do currículo escolar.

Enfim, espera-se dos argumentos que sejam justos, capazes de persuadir todos auditórios a partir do uso da razão. Portanto, não basta que sejam apenas eficazes. De acordo com Reboul, isso se torna possível “quando o argumento se expõe deliberadamente à discussão, à contra-argumentação. E aqui encontramos o grande princípio: o que salva a retórica é que o orador não está sozinho, que a verdade é encontrada e afirmada na prova do debate. Tanto com os outros, tanto consigo mesmo” (Reboul, 2004, p.194).

Leitura retórica de textos e possibilidades educacionais

A retórica, nos seus primórdios, como já visto, esteve focada no preparo do orador e do discurso. Tal dimensão perdura, discursos são organizados seguindo tais princípios mostrando-se técnica pertinente e eficaz ainda hoje. No entanto, outro desdobramento poderia e deveria ser dado ao estudo da retórica na educação contemporânea: como uma teoria da compreensão. Reboul propõe uma função hermenêutica para a retórica, assim colocando:

Essa é a função hermenêutica da retórica, significando “hermenêutica” a arte de interpretar textos. Na universidade atual, essa função é fundamental, para não dizer única. Não se ensina mais retórica como arte de produzir discursos, mas como arte de interpretá-los. [...] Mas aí a retórica recebe outra dimensão; não é mais uma arte que visa a produzir, mas uma teoria que visa a compreender. (Reboul, 2004, p.XIX)

Qual seria o sentido de tal prática? Buscar o entendimento dos mecanismos do texto, dos recursos persuasivos utilizados pelo autor para a produção do sentido, do reconhecimento dos dispositivos utilizados para envolver/seduzir o leitor e tentar convencê-lo de algo. Tendo conhecimento de tal dinâmica textual, o leitor poderá, de forma consciente, melhor posicionar-se frente àquilo que o articulista propõe. Assim, não cairá em armadilhas sedutoras. Ao entender como o orador consegue envolvê-lo, seja pelo uso dos recursos que o emocionam (*ethos* e *pathos*), seja pela maneira que estrutura seus argumentos, o leitor poderá, com esse conhecimento, tomar “livremente” – no sentido de escolher racionalmente, após sua reflexão e crítica e por isso, livre – a posição frente àquilo proposto pelo autor. Ensinar a retórica com essa proposta significa, conforme propõe Reboul, ensinar uma “leitura retórica dos textos”. Assim, uma leitura retórica dos textos, “nada mais é que a própria retórica, em sua função interpretativa; aborda o texto com a seguinte pergunta: em que ele é persuasivo? Portanto, quais são seus elementos argumentativos e oratórios?” (Reboul, 2004, p.139).

Torna-se se salutar deixar claro que a leitura retórica não se limita ao dissecamento dos recursos argumentativos e persuasivos do texto. Ela propõe, na verdade, um percurso muito mais longo. Ao estimular a leitura crítica e atenciosa do texto não significa que sejam incitadas tomadas de posições rígidas por parte dos leitores. Muito pelo contrário, ela estimula um diálogo frente ao texto, buscando que o leitor entenda como e por que o autor se coloca daquela maneira, por que tenta engajá-lo na leitura. Em outras palavras, a leitura retórica também é um instrumento para que o leitor aprenda com o texto, tanto pelos seus aspectos positivos quanto pelos negativos. Essa dimensão dialógica da leitura retórica é assim descrita por Reboul:

A leitura retórica, por sua vez, não objetiva dizer que o texto tem razão ou deixa de tê-la. Nem por isso é neutra, pois não hesita em fazer juízos de valor, mostrar que tal argumento é forte ou fraco, que tal conclusão é legítima ou errônea. Critica e pondera, sem se abster de admirar, tendo como postulado que o texto, tanto em sua força quanto em suas fraquezas, pode ensinar alguma coisa. A leitura retórica é um diálogo. (Reboul, 2004, p.139)

Para finalizar, convém salientar que a leitura retórica, ao fazer tais propostas, enfatiza que seja dada autonomia ao texto. O que isso significa? Que no ato interpretativo a atenção seja focada no texto e em seus elementos. Assim, não é prioridade buscar, por exemplo, um cabedal excessivo de informações extratextuais. Afirmar isso, não significa que elas não tenham importância, mas entende-se que o texto, por si próprio, é um rico objeto de análise e informação. “E, assim, a leitura retórica postula que o texto tem autonomia e é entendido por si mesmo. E ainda que seja útil conhecer a doutrina do autor para compreender seu pensamento, é inútil elucidar cada uma de suas afirmações com citações tomadas no restante de sua obra.” Reboul, conclui seu pensamento deixando muito claro a relevância do próprio texto sintetizando

ao afirmar que “quanto mais se puder interpretar o texto em si mesmo, melhor” (Reboul, 2004, p.140).

Considerações finais

A educação deveria rever o lugar do ensino da retórica e integrá-la às suas práticas de ensino. Já houve o tempo em que “[...] na própria escola, gramática, retórica e dialética não passavam de partes de um mesmo todo que se esclerosaram quando se separaram” (Reboul, 2004, p.XXI). A arte retórica fazia parte da formação humana, era ensinada como uma prática cultural, sendo parte daquilo que comumente se chama cultura geral. De forma dissociada e fragmentada, ela é ainda ensinada (em algumas aulas de redação, por exemplo), mas, seu lugar deveria ser reafirmado na educação, com estudos a ela dedicados. Como uma ferramenta intelectual ela possui outra dimensão intelectual que não poderíamos deixar de mencionar: “A arte do discurso persuasivo implica a arte de compreender e possibilita a arte de inventar” (Reboul, 2004, p.XXI).

Reboul lista a heurística como uma outra função da retórica. Essa função, além do poder (persuasivo) possibilitado pela retórica, segundo ele, agrega uma abordagem investigativa/inquiridora. “Na realidade, quando utilizamos a retórica, não o fazemos só para obter certo poder; é também para saber, para encontrar alguma coisa. E essa é a terceira função da retórica, que denominaremos “heurística”, do verbo grego *euro*, *eureka*, que significa encontrar. Em resumo, uma função de descoberta” (p.XX). Todas as possibilidades trazidas pela retórica deveriam ser retomadas e reintroduzidas pela e na educação. Mesmo havendo a inclusão da retórica e argumentação como uma disciplina específica, não poderia ser relevado o fato de ela estar a favor do conhecimento (produção e disseminação) proveniente das mais diversas áreas e disciplinas. Assim, torna-se salutar repensar sua reintrodução no ensino de tal forma que faça interface com todas as áreas do conhecimento com que poderia contribuir. Enfim, que faça parte da formação humana. “E aprender a arte de bem dizer é já e também aprender a ser” (Reboul, 2004, p.XXII).

Referência

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.